

Stadium

N.º 108 ★ 28 DE DEZEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

*o 1.º de
JANEIRO
nos Salesias*

*LISBOA -
MADRID
em Handball*



OS SELECIONADOS LISBOETAS

De cima para baixo e da esquerda para a direita:
Jorge Almasqué, Natividade, Jaime Silva, Raul Macara,
Miranda, Corralo César, Armando Pereira, Pimenta, Tomás
de Mucedo, Domingos Vicente e Matos Moura, que devem
figurar como efectivos, e Osvaldo, António Esteves, Valério,
Leonel, Luís Neves, que com Abreu serão suplentes.

O GRANDE CAMPEONATO

Olhanense e Vitória (Setúbal)

no primeiro plano do futebol português

Crónica de TAVARES DA SILVA

NESTA regular marcha do Campeonato Nacional que todos os domingos apresenta as suas manifestações (última jornada, a 5.ª) cabem todos os resultados e desfechos: desde aquilo que se espera ao que nunca passou pela cabeça de ninguém. O resultado lógico anda muito próximo do resultado lógico. Quando se diz que a bola não tem lógica não se profere uma sentença exacta. Não se quer ver que, num jogo como o futebol, cabem todos os desfechos, sendo esta característica poderosa força de atracção. Os números do passado domingo ilustram a afirmação de que o futebol é jogo.

Estoril..... 8 — Pórtó 1
Benfica 2 — Olhanense 2
Vitória (Guimarães). 1 — Belenenses 1
Académica 1 — Vitória (Setúbal) 2
Salgueiros 1 — Sporting 6

Exceptuando a luta no campo do Salgueiros, de desfecho que se aguardava, dada a diferença de classe dos dois grupos, todos os outros resultados (logo os 4) têm qualquer coisa de inesperado, podendo dizer-se de alguns deles que são autênticas surpresas.

Nada fazia prever uma derrota tão desnivelada no campo da Amoreira. Certo, os portuenses têm atenuantes, e uma chave tão intensa de goals só se justifica por momentânea desorganização, mas 8-1 cabe perfeitamente no mundo das surpresas.

O Olhanense já deixara entrever contra o Sporting um poder de ataque capaz de lutar de igual para igual com todos os outros concorrentes, e eis que esse poder se afirma no próprio campo do Benfica, arrancando um empate ao leader isolado.

O Belenenses, por sua vez, sofreu a desdita das deslocações tendo de defrontar um team inferior, mas aproximado do seu valor por um conjunto de condições, em termos de se verificar um empate. Ainda se poderá inclinar no largo capítulo das surpresas o triunfo setubalense em Coimbra, dado o perigo que constitui a Afrodite, apesar de tudo, um onze como a Académica, e a natural dificuldade desta espécie de vistas.

Cada vez se destaca mais fortemente o péso do ambiente como força que singularmente influi na competição. O exemplo de Benlhevai é expressivo, destruindo cerce o pensamento daqueles que não atribuem ao referido factor seu justo mérito. Não se pode dizer, por mais voltas que se lhe dê, que seria indiferente ao Belenenses e seu adversário jogarem nas Salésias ou em Guimarães. O que se vê, mesmo, é o ambiente (conjunto de campo e público), apesar de tal maneira na luta que todas as deslocações encerram os maiores perigos. Já lá vai o tempo em que os grupos mais fortes de Lisboa passavam pela provincia. Agora, o caminho está semeado de perigos. Não se trata de passeio. Mas de dever doloroso.

Além da proeza do Estoril, reveladora de um ataque eficiente e esplêndido no capítulo da competição, dois clubes da Provincia destacam-se audaciosamente, merecendo a inscrição a letras de ouro neste campeonato nacional, o Olhanense e o Vitória (Setúbal). Qualquer deles bem classificado, ambos se revelam forças organizadas a ter em conta, cheias de vontade e energia. Bravo!

Resta afirmar, neste introito, que de um modo geral, não se registaram diferenças sensíveis nas linhas, a não ser no grupo do Pórtó, e em Guimarães. Ainda que se fez bom futebol de campeonato com três partidas de equilíbrio, e dois encontros desnivelados: um por que sim, outro com causas de justificação.

O Estoril, grupo com capacidade para brilhantes exhibições. As atenuantes do Pórtó: que grupo conseguiria resistir a tantos males?

O Estoril Praia, bem orientado e encaminhado no aspecto técnico, aquele que pode-

mos ver em campo, é um team em progresso. Um grupo que, como tantos outros, não se contenta com o que faz e o estado a que chegou, procurando robustecer-se, apresentar melhor organização, progredir. Servido por alguns elementos de grande valia, as diferentes forças estão inteligentemente coordenadas, e dos defesas aos avançados o fio do jogo não se embralha. Querê dizer, trata-se de um grupo que, em tarde feliz de jogo, pode atingir a nota de distinção. Foi o que aconteceu na 5.ª jornada, em que todos os valores e forças forneceram a medida máxima: defesa sólida; linha medular consciente; avançada de boa ligação, com interiores dominando todos os acontecimentos.

O Pórtó, sem dois médios titulares, por menor importante, jogou francamente mal. Não teve nem interiores, nem médios, nem defesa direita. Dêste modo, como havia de jogar bem? Aos interiores compete a ligação da linha medular com a avançada, e eles estavam desastrosos. Como consequência, o péso do jogo recaía na defesa, e esta não mostrou a capacidade devida.

Isto é, o Pórtó realizza fraquíssima exhibição, longe das suas reais possibilidades. Mas é preciso ter em conta as suas atenuantes, devendo também vêr-se a vitória do Estoril á luz que dela irradiia: falta de Anjos e Octaviano; jogam acidentada; expulsão de Guilhar, não jogando quasi toda a segunda parte; lesão de Pinga, anulando-o.

Pregantamos: qual a equipa que conseguiria resistir a tantos e tão pesados males? Assim, o valor dos goals dilue-se, e dos 8-1 pouco ficará.

O ataque Olhanense mostrou-se tal qual é: veloz e dextro, enérgico e habilidoso...

Temos no Olhanense uma grande revelação, e a prova mais do que provada de que não havia o direito de afastar da competição máxima a região do Algarve. Deverá, portanto, insistir-se na orientação:

HUBILLO
O CHAPEU
INCONFUNDIVEL
Rua do Carmo 93-95 LISBOA

porque não chamar Associações ainda não representadas á grande competição?

O Olhanense é um corpo que palpita. O ataque mostra audácias. Os seus elementos, velozes e hábeis, domínio de bola excelente, dão-se a combinações de bom desenho, nada tendo á aprender com as equipas consideradas mais fortes. O traçado vai sendo riscado no terreno em linhas que madam constantemente de direcção, submetendo a defesa contrária aos maiores esforços, às vezes desorientando-a.

Uma linha defensiva como a do Benfica, com um homem do nível de Gaspar e uma linha média com harmonia e equilíbrio, deixa-se por vezes perturbar na sua actuação pelo jogo atacante algarvio.

É isso que impressiona. O empate do Olhanense não representa um resultado circunstancial, ou de acaso. Surgindo antes como a lógica resultante de uma inteligente tarefa. Devendo ainda dizer-se que as melhores oportunidades foram criadas pelo Olhanense.

A primeira parte foi melhor disputada que a segunda. Talvez não seja bem exacta a expressão. Todo o encontro foi sempre bem disputado no que diz respeito a esforço e a luta, mas na primeira parte os grupos puzeram em campo um futebol de tracejado mais nítido, sem as confusões e os atritos da segunda metade do tempo.

A defesa do Benfica, talvez pelas razões expostas, não deu a impressão de coesão das outras vezes. Devemos salientar a reaparição de Martins, devido a lesão de Rosa, que se apresenta confiante nos seus recursos, com valor ainda positivo no nosso futebol.

O Belenenses levou para Guimarães as suas qualidades, e também o seu defeito de remate

Os lisboetas quando saíem de sua casa devem deslocar-se na certeza de que o seu adversário, pelo que representa bater um grupo categorizado de Lisboa, redobrará de esforços, valorizando a sua acção. Não é de hoje, nem de ontem, isto dos teams de menor categoria tentarem, à custa de sacrificios e energias, sabirem até à classe do adversário, lado a lado — mas de todos os tempos. Outro factor a ter em conta: as dimensões dos terrenos provincianos, vulgarmente mais acanhados do que os da capital.

Pensando talvez neste elemento, o Belenenses realizou a maior parte das suas avançadas, pelo menos na primeira parte, utilizando os extremos. Acrescente-se: fazendo combinações perfeitas de conjunto, com fintas e desmarcações dos seus dianteiros. Simplesmente, na hora da verdade, no momento de traduzir praticamente o esforço produzido, os belenenses continuaram a falhar, por mau ou por retardos no remate.

Vendo que o desafio lhe corria de feição, o Vitória cresceu em energias e entusiasmos, progressivamente, do começo para o fim, colocando o Belenenses em dificuldades. Mas a feição do encontro foi confusa, e à parte a graça do jogo atacante belenense (a linha avançada sofreu modificações no decorrer da luta), sem quaisquer fulgores de ordem técnica.

A diferente actuação dos «interiores» decidiu o desfecho de Coimbra

O team da Académica procura recompor-se. A tarefa não se apresenta fácil. Há

(Continua na página 14)



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 17.—Têm-me dito tanta coisa a respeito do internacional Mariano Amaro que eu desejava saber que doença esse jogador tem, e também se voltará a jogar. (Um benelense de alma e coração).

Coloca-me numa posição embaraçosa, pois sou absolutamente leigo em matéria de medicina. Procurarei, no entanto, esclarecê-lo. Há no coração o chamado feixe de His, um feixe muscular que faz aclear as válvulas do coração, e o conhecido jogador sofre de retardos na actuação desse feixe. Quando submetido a esforços violentos, aquela insuficiência poderá produzir grave prejuízo para a saúde do indivíduo.

Não sabemos se Amaro voltará a jogar. Os clínicos do Centro de Medicina Desportiva são de opinião que o mau funcionamento do feixe de His, que se verifica, é impeditivo para jogar a bola. Outros médicos, e dos mais ilustres da ciência portuguesa, opinam em contrário. Eis o que há sobre o assunto. A resolução definitiva deverá ser tomada numa conferência de médicos, na próxima semana.

P. 18.—Qual será o melhor avançado-centro portugueses a jogar de cabeça? (João Vicente Marçal, do Outão).

Julio (Benfica) e Cabrita (Olhansense) são, talvez, os melhores no jogo de cabeça. Peyroteo também joga bem. Talvez que o avançado-centro algarvio leve a palma a todos...

P. 19.—Qual a razão porque não tem arbitrado António Palhinhas, de Setúbal? Não acha que a arbitragem perdeu um elemento valioso? (Um curioso, de Évora).

Foi eliminado do quadro das corporações dos árbitros pela Comissão Central. Sem dúvida, tratava-se de um excelente árbitro, dos melhores portugueses no apito.

P. 20.—Martins, guarda-rédes do Benfica, já jogou em desafios internacionais?

Quantas vezes foi Azevedo internacional? Qual o melhor interior: A. Marques ou Teixeira? (Um elvense).

Martins foi uma vez internacional, jogando contra a Suíça. Azevedo conta no seu activo dez internacionalizações. Prefiro Teixeira a António Marques.

A BUROCRACIA DOS PROTESTOS

e a necessidade da sua simplificação

QUANDO um clube se julga lesado nos seus direitos por factos ocorridos em campo—protesta. Está certo. Tem absoluta justificação o direito de reclamar, visto haver leis a acatar e o jogo estar sujeito a certos princípios e regras, inflexíveis. Anticamente, usou-se e abusou-se desse direito, pois os clubes protestavam por tudo e por nada, pela mais comzinha razão de facto. Com o objectivo de impedir esse abuso, estabeleceu-se um depósito de determinada importância, a fazer pelos reclamantes, e reembolsável quando procedente a reclamação. Mesmo com esta peia, os protestos não desapareceram e os técnicos são muitas vezes chamados a intervir e a julgar.

O Sporting-Atlético disputado na semana passada, no Lumiar, é uma repetição do encontro, em virtude do Atlético ter ganho o seu protesto. Não curamos de ver, nesta altura, o fundamento da resolução, porque não conhecemos o processo, nem as razões apresentadas pelo Atlético, nem o depoimento dos oficiais da partida. Parece-nos até que os Conselhos Técnicos deviam tornar públicos os seus acordões, no seu papel de interpretação oficial das leis, criando-se desta maneira doutrina legal sobre os vários casos que vão aparecendo e sendo julgados.

Mas não é isso que pretendemos tratar. Tão somente despertar a atenção da Organização para o mal que representa uma burocracia que emperna o julgamento rápido das questões que se suscitam e levantam em campo. Impõe-se a modificação do que está legislado no sentido dos julgamentos dos protestos se realizarem na semana do jogo que originou a reclamação, ou, pelo menos, na quinzena mais próxima.

As competições têm um fundo de seriedade sólido e inatacável. Tudo que lhes tire esse fundo, perturbando a sua vida, representa grave atentado à moral desportiva—e um mau serviço.

Compreende-se lá que um protesto leve tanto tempo a julgar e que a repetição do desafio só se

realize mês e meio depois, terminado já há muito um campeonato de que o jogo anulado fazia parte! É evidente que tal se presta às mais diabólicas interpretações.

O Sporting, já empenhado noutra competição, a nacional, e não tendo o mais leve interesse no desfecho da partida, apresentou em campo uma linha fraca, de verdadeiro recurso, em reconhecida e compreensível orientação de poupar valores e energias, perdendo por 3-0.

Longe de nós a idêia de pôr em dúvida o espírito desportivo do team sportinguista. Interessa salientar, no entanto, que, por um conjunto de circunstâncias, os leões não enfrentarem o encontro na mesma disposição com que o fariam se a repetição se tivesse dado ainda no âmbito do campeonato de Lisboa, ou cêrca dêle. Isto presta-se, mesmo, a interpretações muito desagradáveis, que põem em perigo o prestígio das competições do futebol.

O Sporting, por sua vez, apresentou um protesto sobre o jogo e resultado da sua partida de Setúbal, contra o Vitória. Pois, senhores, já lá vai um mês, e o Conselho Técnico da Federação ainda não se decidiu a dar a sua douda opinião sobre o assunto.

Suponhamos, por hipótese, que o protesto seja julgado mais tarde procedente, obrigando a novo encontro. Podia muito bem vir a suceder que o seu resultado fôsse fundamental para apurar o campeão, estando interessado no título não só um dos contendores como um terceiro clube. É evidente que o facto se prestava às mil maravilhas para o straperto. Sabemos que os clubes são incapazes de se darem a combinações ou maquinações, embora tenha havido, no passado, acusações nesse sentido, mas o prestígio dos torneios exige que se afaste a mais remota dúvida sobre o assunto.

Impõe-se, por tudo isto, a simplificação da burocracia dos protestos, para que estes, embora com julgamento necessariamente acautelado, não originem mais dúvidas no futebol português.

Idêias próprias e alheias

A curiosa opinião de Cândido de Oliveira sobre o ataque do Sporting, proferida relativamente ao Benfica-Sporting:

E a linha do ataque, na constituição actual, não tem—ou parece ter—o que ela carece: espírito de valorização ao máximo de um jogador como Peyroteo. Num ataque onde êle estiver, a melhor solução, sempre, será favorecer a sua tendência, atlética e técnica, para ser o marcador da equipa. Impôr-lhe outra tarefa, pode valorizá-lo como jogador, mostrando que êle joga e é capaz de fazer jogar os outros, mas não é isso que a equipa pretende—é que êle marque o maior número de bolas possíveis...

Os espanhóis têm a Mutual Desportiva,—com médicos especializados em lesões e traumatismos provocados pelo desporto,—em Barcelona, dirigida pelo famoso clínico dr. Maragans.

Em Portugal, ao que parece, não se têm interessado pelo assunto, resultando daí que qualquer lesão, ou entorse, ou seja o que for, cuidada por indivíduos pouco mais que curiosos, leva muito tempo a recompor e a tratar. O mais curioso é que os clubes, directamente atingidos por estes males da bola, deixam que os jogadores continuem a ser tratados pelo processo rotineiro da massagem e dos banhos quentes de água salgada, vendendo-se privados durante semanas e semanas de valores que muita falta fazem.

O factor ambiente assume grande importância nos encontros de futebol. Para qualquer clube lisboeta, por exemplo, não é a mesma coisa jogar no seu campo, em Lisboa, ou no Pôrto e em Olhão, ou noutra qualquer parte. Como também não é indiferente ao Futebol Clube do Pôrto e ao Olhanense actuarem nos seus campos, ou em Lisboa, por exemplo.

Tem sido assim através dos tempos. E é continuará a sê-lo. Negar a influência deste factor é ser cego de todo. Foi pelo reconhecimento da sua importância que se criou o sistema de poule em duas voltas.

Estamos em presença de um mal? Não nos parece. Trata-se de um fenómeno natural, que singularmente anima a vida das competições, dando-lhe vibração e colorido.

SMARTA

RESTAURANTE — BAR PASTELARIA — SALÃO DE CHÁ

Seu cliente de SMARTA é ter a certeza de ser bem servido

O Restaurante que apresenta sempre pratos especiais

A Pastelaria que apresenta os melhores bolos

Telefone 41583 — RUA RODRIGO SAMPAIO, 52 — Telefone 41583

Assinem a STADIUM

O JANTAR COMEMORATIVO DO

no qual se fez representar o sr. nova manifestação de excelente ca

STADIUM completou o segundo ano de trabalho, nesta série. Demarca-se, assim, novo período de vida. Stadium continuará a imprimir-se, semana a semana, sempre com o mesmo firme propósito: ser útil e difundir, pelo comentário, pelo ensinamento ou pela crítica, com a correcção, elegância e cuidado habituais, os mais sãos princípios da ideia desportiva. Não procura ser uma empresa ligada, embora secundariamente, a fins industriais, mas quer ser um baluarte da boa doutrina e melhor propaganda.

É sob estes princípios que vive Stadium — e todos os que a fazem se integram nêles profundamente, ligados pelo melhor e mais profíquo espírito: o de camaradagem.

Por isso, a festa de confraternização dos redactores da Stadium, para comemorar a entrada no seu terceiro ano de trabalho, constituiu, como antecipadamente se sabia que tinha de ser, uma agradável reunião. Nela nos deram o prazer de compartilhar outros nossos estimados camaradas de jornalismo, e, distinção de que muito nos orgulhamos e que registámos com o maior desvanecimento, pelo seu significado, tivemos a honra de sentar junto de nós um representante do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre Director Geral de Desportos, que delegou no inspector dr. Salazar Carreira, também nosso querido companheiro de redacção, o encargo de nos transmitir as boas palavras de incentivo que nos destinou. Duplo motivo de satisfação!

Para solenizar o primeiro aniversário da nossa revista ofereceu a Sociedade de Revistas Gráficas um banquete que ficou como grata recordação, pelo convívio que proporcionou entre jornalistas desportivos.

Este ano quis o corpo redactorial da Stadium que ficasse a seu cargo a oferta do jantar do ano. E, como o primeiro, constituiu igualmente o que pode classificar-se de magnífica noite de «tertulia» da imprensa desportiva.

Para variar, escolheu-se agora um local típico. Num cantinho com o seu quê de boémio — o salão do popular Mesquita, os redactores que servem esta revista reuniram-se com os seus dirigentes e amigos, com os seus convidados de honra. Entre recordações de festa brava, confraternizou-se.

Presidiu o sr. dr. Salazar Carreira, inspector de Desportos, em representação do sr. Director Geral, como dissomos. Na mesa de honra, à direita, os srs. capitão Simas, da Direcção dos Serviços de Censura, Mário Noronha, vereador da Camara Municipal, e os jornalistas dr. José Pontes, de «O Século», Ricardo Ornelas, do «Diário Popular», e Rebêlo da Silva, do «Diário de Notícias.» Manuel Mota, nosso amigo e camarada de «Os Sports», trocou o seu lugar por outro, entre os seus companheiros da Stadium, para mais próxima camaradagem... À esquerda do dr. Salazar Carreira sentaram-se os srs. dr. Guilhermino de Matos, nosso querido director, Amadeu Seabra, sócio-gerente da Sociedade de Revistas Gráficas e «alma» da Stadium, e Tavares da Silva, do «Diário de Lisboa» e também nosso estimado colaborador. Deviam seguir-lhe António de Sequeira, da «República», e José Soares, bom amigo e nosso administrador, mas motivos imperiosos impediram-nos de comparecer.

Depois, os da casa: Avelar Macho, nosso chefe de redacção, Mário de Oliveira, Rafael Barradas, Fernando de Sá, Carlos Correia, Eduardo Soares, da delegação da revista no Porto, Gil Moreira, Diamantino Dias, Abreu Tórras, José Pargana, João Dias e os fotógrafos José Manique e Claudino Madeira.

Pela primeira vez, os nossos mais recentes companheiros de trabalho: Antas Teixeira, Rodrigues Teles, João Assunção e o fotógrafo Firmino do Carmo.

O agape decorreu em alegre convívio — como é apanágio de quem trabalha na Stadium. Ambiente de sã camaradagem. A casual colocação

NOSSO SEGUNDO ANIVERSARIO

Director Geral de Desportos, constituiu maradagem entre jornalistas desportivos

do dr. José Pontes, Mário de Noronha, Ricardo Ornelas e Rebêlo da Silva forneceu um sector de constante tagarela... Chegou até a falar-se de história antiga... Rafael Barradas e Tavares da Silva tiveram uma variante, discutindo... medicina! O dr. Salazar Carreira, com a fluência peculiar ao seu espírito culto, foi um bom observador e crítico, especialmente quando informou o sr. capitão Simas das "especialidades" de todos os presentes. Avelar Machado, o "chefe", esteve, como sempre, atento e "diplomata". Gil Moreira, o nosso "mestre Gil", com o hábito que lhe ficou do curso de ciclistas, procurou definir a semelhança do gador de uma bicicleta e a "ornamentação" bem lançada do Gavião, estampado na parede fronteira. E tantos outros pormenores de noite animada e festiva!

Começaram a saltar as rolhas do espumoso. Chegara o momento de abrir o coração.

A Avelar Machado, em nome dos redactores da Stadium, cabia o primeiro brinde. Recordou os gratos momentos da primeira festa e apreciou o ano que decorreu desde então — um ano de trabalho áspero, a desviar constantes dificuldades, mas profícuo. Um ano de consolidação para a Stadium — de progresso, portanto. Sublinhou o significado desta segunda festa, expoente do espírito de compreensão e camaradagem que une todos os seus colaboradores.

«Melhores dias virão — disse. Mais e melhor havemos de fazer, sempre com a mesma elevação, com a mesma dignidade, com trabalho honesto e profícuo. Posso garantir a todos quantos nos acompanham, cu seguem a trajectória da nossa actividade, desde o ilustre Director Geral de Desportos ao mais modesto desportista que nos lê, que a Stadium se esforçará por servir, servir sempre a causa a que é devotada, e sempre com o equilíbrio, com ponderação, sem nos desviarmos dos princípios que a nós próprios impomos».

Agradeceu depois a resolução do sr. Director Geral de Desportos, fazendo-se representar na festa da Stadium. Disse da sua alegria pelo significado de tal representação, que traduz simpatia e representa aoluso ao esforço da revista e de quantos nela trabalham. E acrescentou: «A honrosa distinção que S. Ex.^a nos concedeu é um prémio — e um incentivo. Guarda-lo-emos — e tê-lo-emos presente»!

Dirigindo-se depois ao nosso director, agradeceu-lhe a ampla confiança com que o tem honrado. Pôs em relêvo as suas nobilíssimas qualidades de carácter e acentuou a profunda amizade que todos os seus «rapazes» lhe dedicam.

Para Amadeu Seabra teve palavras de elogio e agradecimento, pondo em relêvo o profundo carinho e acrisolada dedicação com que mantém a revista e agradecendo-lho, com palavras repassadas da maior sinceridade, o que tem feito — e promete fazer.

Aos nossos camaradas de imprensa presentes protestou o reconhecimento devido à lealdade e boa camaradagem com que sempre têm acolhido a Stadium, apontando o dr. José Pontes — o mais velho e mais jovem, e Ricardo Ornelas e Rebêlo da Silva, sempre desveladamente amigos. A Manuel Mota disse do prazer de o ver numa festa da nossa revista, tratando-se como se trata de um bom companheiro de outros tempos, e a Tavares da Silva, outro amigo de há tantos e ininterruptos anos, saudou-o como colaborador dedicado e fiel.

Para o sr. capitão Simas teve o nosso chefe de redacção palavras de profundo reconhecimento pelas provas de cativante gentileza e amável acolhimento que a Stadium lhe tem merecido. E concluiu: «A melhor maneira de patentear a V. Ex.^a o nosso sentimento de gratidão e de sublinhar quanto nos desvanece a honra da sua vinda a esta pequena festa é garantir-lhe que, no ingrato exercício das suas funções, nunca as provas da Stadium lhe causarão o menor aborrecimento!»

Avelar Machado fechou o seu brinde com uma saudação especial ao sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, realfirmado o seu enorme regosilho por o ver expressamente representado num momento de satisfação que viviam todos os da Stadium.

Levantou-se para falar o sr. dr. Salazar Carreira, em nome do sr. Director Geral de Desportos.

(Continua na página 7)



De cima para baixo: drs. Salazar Carreira e Guilhermino de Matos proferindo os seus discursos e o grupo de convivas



Os restantes oradores da noite: 1 — Avelar Machado; 2 — dr. José Pontes; 3 — Rebêlo da Silva; 4 — Eduardo Soares; 5 — João Dias



Em manifestação de ambicionada camaradagem as equipas de Madrid e de Lisboa defrontam-se no dia 1.º de Janeiro, nas Salésias

BONS auspícios para o ano de 1945. O seu primeiro dia de existência vai ficar assinalado nos arquivos do desporto português por um acontecimento de magna importância, que significa simultaneamente a consagração de uma modalidade desportiva digna de ser ajudada e o ressurgimento das amistosas pugnas entre os desportistas das duas nações peninsulares, interrompidas há quairo anos pela força lastimável de certas circunstâncias que a ninguém satisfariam.

Foi em 1942, por ocasião de uma visita a Madrid do nosso camarada dr. Salazar Carreira, que naquela cidade se entablaram com os dirigentes espanhóis as primeiras negociações para a disputa de um encontro internacional luso-espanhol em «handball».

Os acórdos encontraram em ambos os países certas dificuldades de sanção e a ideia não vingou, embora os federativos nunca a perdessem de objectivo.

Na época finda, quando desempenhou as funções de seleccionador da equipa lisboense para jogar contra a do Porto, o dr. Salazar Carreira prometeu aos seus jogadores, cujo brio e entusiasmos foram inextinguíveis, que os levaria este ano a Madrid; novas deliciações se encetaram, o ambiente foi assentadamente favorável e, em Novembro passado, quando, já Inspector de Desportos, o dr. Salazar Carreira esteve de novo em Madrid no desempenho de uma missão cujo êxito ficou oficialmente reconhecido, foi comunicado ao delegado do organismo superior do desporto português pelo Secretário Geral da Delegação Nacional espanhola que estava autorizada a celebração de dois encontros entre os «handbolistas» de Madrid e de Lisboa.

No decurso das conversações então efectuadas, outros acórdos se firmaram; o dr. Vergílio Paula, trouxe na bagagem a garantia dos encontros internacionais de futebol e entre os representantes dos organismos dirigentes do desporto dos dois países estabeleceu-se vasto plano de acção conjunta, que por certo vai prosseguir em melhor estudo com a visita agora anunciada do sr. Hildebrand, chefe da Secção de Federações da D. N. D.

Mas, por direito de prioridade nos esforços de organização, vai caber ao «handball», na próxima segunda-feira, a honra de abrir o ciclo das competições de camaradagem desportiva luso-espanhola.

O encontro, para o qual foram convidados a assistir os srs. Embaixador de Espanha, Ministro e Sub-Secretário da Educação Nacional, Presidente da Câmara Municipal, Director do Secretariado da Cultura e Propaganda, Director Geral de Desportos, etc., foi marcado para as 15 horas, no Estádio das Salésias, precedido por um encontro de propaganda do «rugby», entre o Belenenses e o Sporting.

O árbitro escolhido para dirigir a partida é o sr. Carlos Lancelotti, sem dúvida dos componentes mais considerados do Colégio Regional.

A Associação de Lisboa cuidou escrupulosamente da organização, facilitando desde já ao público a venda de bilhetes na sua sede, na rua da Luta.

A equipa espanhola chegará a Lisboa amanhã, sexta-feira, às 10.20 horas, pelo Lusitânia Expresso; embora sem cunho de informação oficial, a composição da equipa parece ser a seguinte: Augusto (Real Madrid); Pozuelo (S. E.

U.) e Aristegni (R. M.); Caprotti (R. M.), Costa (R. M.) e San Roman (S. E. U.); Peña (S. E. U.), Piernavieja (S. E. U.), Ballesteros (S. E. U.), Macia (Educacion y Descanso) e Gil (R. M.).

Acompanham os jogadores os presidentes das Federações Nacional e Castelhana e o delegado da D. N. D., sr. Guilherme Hildebrand.

A equipa de Lisboa

O sr. Acácio Rosa designou já os dezasseis jogadores seleccionados, mas não indicou quais sejam os efectivos ou suplentes; no entanto, guiando-nos pela constituição do grupo dos últimos treinos e pela demonstração de capacidade dos elementos experimentados, pode talvez afirmar-se que as pequenas dúvidas, se existem, apenas se podem relacionar com os postos de médio direito e extremos da linha avançada.

Jorge Almasqué (Sp.) deve figurar na baliza e será Osvaldo (Tr.) o seu substituto eventual; o sportingista está no óptimo da forma e merece inteira confiança. A paragem de defesas Natividade (Bel.) — Jaime Silva (Sp.) é indiscutível; o primeiro é jogador experiente, muito bom orientador e que nunca falha nas ocasiões de responsabilidade, e o segundo alia

PUGILISMO

O campeonato amador do Sul

foi a confirmação do «Torneio de Preparação»

A Associação de Pugilismo de Lisboa conseguiu levar a bom termo mais outra competição entre amadores, distribuída por três sessões noturnas, que se realizaram no recinto coberto do Lisgás.

Conforme havíamos previsto nestas colunas por ocasião do «Torneio de Preparação», o lapso de tempo decorrido entre os dois certames foi insuficiente para se registar o aperfeiçoamento de forma e de técnica dos concorrentes e, consequentemente, o Campeonato Regional do Sul constituiu, a bem dizer, a 2.ª edição, revista, da prova antecedente. Demorar por algumas semanas a montagem da competição teria sido mais útil e proveitoso, senão com a esperança de surgirem novos elementos concorrentes (não dizemos «valores» porque não seria crível...) pelo menos na certeza de haverem sido tomadas todas as medidas para se obter o máximo luzimento possível.

No entanto, o Campeonato foi animado e animador. Assistência regular e, nas finais, numerosa, que aplaudiu e incitou os desportistas, convencendo os cépticos de que o pugilismo amador tem o seu público fiel e entusiasta. Apenas na concorrência por colectividades há que registar a ausência de clubes outrora esplendidamente representados e cujas equipas

às qualidades de segurança e antecipação a vantagem de saber cumprir o seu papel sem entrar em falta ao adversário.

António Esteves (Bel.), escolhido como reserva é um jogador com bons recursos físicos e grande conhecimento do lugar.

A linha média, formada por Raúl Macara (Cuf.) e Correia César (Sp.) é a melhor formação de todos os tempos em Lisboa; porque tem escassa actividade na época, Macara não dá ainda o máximo rendimento das suas possibilidades, mas mesmo assim merece o lugar.

Qualquer eventualidade será atendida por Valério (Bel.) e José Alves (Est.)

O trio central da linha avançada é indiscutível: Pimenta (Cuf), Tomás (Sp. e Vicente (Est.); nos extremos tem figurado Armando Pereira (Bf.) Matos Moura (Tr.) os quais, embora preencham cabalmente o lugar, não conseguiram no entanto equiparar-se aos três companheiros do centro da linha.

Os suplentes escolhidos são: Leonel (Sp.) e Luís Neves (Tr.), dois jogadores que valem tanto como qualquer dos titulares.

Eis como supomos, à base de opinião meramente pessoal, o que seja a selecção lisboense que inaugura no dia do Ano Novo, a internacionalização do «handball» português.

JOSÉ DE EÇA

O sarau do Lisboa Gimnásio

No próximo dia 4 realiza-se no Coliseu dos Recreios, o sarau anual promovido por este conceituado instituto de educação física, para a apresentação das suas classes. Vão ser convidados a assistir o Chefe do Estado, Ministro da Educação Nacional e outras altas individualidades, quer oficiais, quer do meio desportivo.

recolhiam taças e vitórias copiosas; o Gimnásio Clube e o Lisboa Gimnásio. Desta feita não tiveram equipas a bater-se pelas suas cores — sintoma de confessada indiferença e do estudo decadente do pugilismo amador dentro das colectividades lisboetas. Mais do que qualquer outra, a circunstância deste Campeonato Regional do Sul registar a deserção dos animadores proeminentes em épocas transactas, deve ser posta em relevo afim de estimular os corpos directivos dos dois clubes atrás citados, levando-os a reorganizar as classes que deixaram perecer.

Os concorrentes distribuíram-se pelas várias categorias de pesos, segundo uma curva binomial de probabilidades: 2 nas categorias extremas, sete e seis nas intermédias e 4 nas restantes. Em «mínimos» voltámos a ver Alberto de Oliveira (Matadouro) e Armando Costa (Lisgás), mas o vencedor do torneio de preparação transformou-se em vencedor. O Lisgás perdeu um título que logicamente supunha obter.

Nos «levíssimos» houve 4 concorrentes, três do Matadouro e um do Lisgás. Carlos Alves (L.) dominou por pontos Timóteo (M.) e Manuel Martins (M.) fez o mesmo a Alberto Alves, seu companheiro de clube. A final coube a Carlos Alves, por pontos, repetindo a proeza do «Torneio de Preparação».

Nos «meio-levés», João Jorge (L.) foi o vencedor, derrotando Manuel de Melo (L.) por pontos. Anteriormente, Fernando Pêres (A.) venceu Alfredo Amaral (L.), também por pontos; João Jorge (L.) forçara Albano Barros (M.) a abandonar ao 2.º assalto e Manuel de Melo (L.) batera por pontos Raúl Silva (M.). Na meia-final, João Jorge venceu Fernando Pêres. A vitória de Jorge, na final, era prevista antecipadamente.

Na categoria dos «pesos leves», Charles Costa (M.), que nós havíamos fixado durante o Torneio de Preparação, desforrou-se da

(continua na pág. 15)

CASA ANIBAL TAVARES

Jóias — Pratas — Relógios

Taças para prémios desportivos

95 — RUA DA PRATA — 97

LISBOA

PORTUGAL

Aplofone 2 5853

STADIUM apresenta a todos os seus estimados leitores, colaboradores, correspondentes e agentes os melhores votos de felicidades, desejando-lhes um Novo Ano prospero e tranqüilo.

O 2.º aniversário da STADIUM

(Continuação da pág. 5)

Trazia-nos — disse — as saudações de amizade do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro. No desenvolvimento de considerações sobre jornalismo desportivo, afirmou que a *Stadium* representa uma obra verdadeiramente construtiva, edificada em trabalho levado a cabo com firmeza e honestidade, que a entidade orientadora do desporto nacional seguia com carinho. Por isso os seus votos eram os de longa vida e constante progresso para a revista.

Alludindo à situação, como que paradoxal, em que se encontrava, visto que também era colaborador da *Stadium*, o sr. dr. Salazar Carreira concluiu reiterando as saudações apresentadas no cumprimento da grata representação que lhe fora confiada e os seus desejos pessoais de que a rota seguida até agora continuasse, vida fora, a desenvolver-se francamente.

O dr. José Pontes teve para a nossa revista palavras de camarada e amigo, as quais, declarou, pronunciava com o maior contentamento.

— Vim como jornalista e podem ter a certeza que é uma coisa que há muito não faço. Mas eu estou sempre bem entre jornalistas — e melhor aqui, por estar entre gente amiga e que tem desejo de acertar. Esta festa representa para mim uma evocação na minha actividade de 42 anos nos jornais. Felicito-me por ser ainda jornalista — em tão bela reunião de jornalistas.

Depois de apresentar igualmente os seus cumprimentos ao nosso director e a Amadeu Seabra, concluiu por afirmar que a obra da *Stadium*, tal como é conduzida, tem de agradar a todos.

O nosso prezado camarada Rebelo da Silva falou em seu nome e no de Ricardo Ornellas e Manuel Mota. Afirmou a gratidão que sentiam pelo convite recebido e declarou a sua certeza de que viriam assistir a mais uma festa de boa camaradagem jornalística.

«Que sigam sempre pelo caminho que têm traçado até hoje, com prestígio e merecimento! — concluiu.

Eduardo Soares, nosso estimado colaborador no Pôrto, veio propositadamente trazer-nos o seu abraço de camaradagem. Regressava ao Norte com gratas recordações da festa a que assistira — garantiu.

Por fim, João Dias, também nosso colaborador e correspondente no Barreiro, saudou a *Stadium* em nome dos desportistas da margem sul do Tejo. Pôs em relevo a camaradagem que encontrava na nossa revista e sublinhou dois nomes que lhe são particularmente gratos: Tavares da Silva e Avelar Machado — os dois chefes sob cuja orientação tem trabalhado.

Chegou então o momento do nosso querido director usar da palavra. O sr. dr. Guilhermino de Matos, cativando pelo agrado do seu trato e por uma amizade que a todos conquista, referiu-se aos dois anos de actividade da *Stadium*.

— Tem sido um trabalho de unidade — afirmou — partindo de um princípio único e compreendendo bem que temos de corresponder ao sacrifício alheio. Mas a vontade e o estímulo com que se vive na *Stadium*, sempre em perfeita ligação, não morrerá. Particularmente a vontade firme de todos quantos trabalham na revista levá-la-á a cimentar melhor a vitória já conquistada.

Referiu-se a Avelar Machado, nosso chefe de redacção, apontando-o como exemplo e designando como uma espécie de vítima n.º 1, mas que não cansa, uma vítima ordenada, de actividade cronometrada, plena de dedicação e vontade.

— Um ano mais de trabalho não consentiu ainda que se materializassem na revista os projectos elaborados. O Mundo ainda não deixou de estar envolvido em momentos de crucial esforço. Aguardemos por isso mais um pouco. Entretanto, a *Stadium* seguirá trilhando pelo caminho direito com que abriu a sua marcha, procurando sempre ir de melhor em melhor. A nossa linha de conduta não divergirá do ponto de partida — e iremos até onde for preciso.

Salientando o significado desta segunda festa, o sr. dr. Guilhermino de Matos considerou-a como o expoente da optima e constante camaradagem que se verifica na revista que dirige.

As suas últimas palavras foram de saudação para o sr. Director Geral de Desportos, para o representante da Direcção dos Serviços de Censura e para os nossos convidados.

Avelar Machado voltou a falar para se desempenhar de uma missão que constituía o desejo de todos os seus camaradas ali reunidos: uma saudação especial ao nosso querido amigo Amadeu Seabra. Prolongada salva de palmas constituiu significativa manifestação de apreço pelas suas qualidades de iniciativa, amizade e dedicação pela «sua» *Stadium*, consecutivamente postas à prova durante os dois anos de vida da revista.

Terminara a festa de anos. Como epílogo simpático e de certo modo romântico, os populares artistas D. Maria do Carmo Tôres e Filipe Pinto, acompanhados por Carvalhinho, à guitarra, e Pais da Silva, viola, brindaram-nos com algumas das melhores canções do seu excelente repertório e da autoria de Carlos Conde. E ainda como agradável surpresa, D. Maria Helena Mesquita, gentil e valiosa amadora, cantou também para os jornalistas dois outros fados.

Durante o jantar foram recebidos de Guilherme de Carvalho, nosso bom amigo e antigo delegado da *Stadium* no Pôrto, e Hermann Vitorino, também nosso distinto colaborador fotográfico na capital do Norte, telegramas de felicitações e votos de prosperidades, que muito agradecemos.

Algumas cordeais referências e felicitações

O segundo aniversário da *Stadium* proporcionou-nos, como disse-

MESTRE DE ARMAS

António Martins

HÁ treze anos, na manhã de 6 de Outubro de 1931, João Sessetti, figura notável de desportista, transmitiu-me com profundo emoção a notícia da morte de António Martins. Ficámos a olhar-nos, sem palavras que pudessem exprimir a dor causada pela perda irreparável do nosso grande Mestre, — do nosso grande e querido amigo.



Parece-me estar a ver o venerando professor a ministrar as suas lições, já septuagenário — mas sempre direito e firme, de olhar doce, voz suave, passo miúdo... Impunha ainda, sem esforço, rápida cadência na prancha, trabalhando, perseverando, vivendo o ambiente da sala de armas com o mesmo entusiasmo moço dos alunos.

Todos lhe queríamos entranhadamente, num mixto de amizade e devoção nato em quantos tinham a honra de merecer a sua estima. A bondade e trato afabilíssimo reunia extraordinária sensibilidade de pedagogo, que residia nêle como sexto sentido. Docilmente quésio, sem a menor aspereza de mando, Mestre António Martins oblinho de qualquer discípulo tudo quanto desejava. Todos lhe mereciam o mesmo carinho e a todos ensinava com a mesma dedicação, quer se tratasse de principiante inábil ou de esgrimista de futuro. Era frequente ouvi-lo dirigir a qualquer jovem aluno as mais esperanças palavras de incitamento, sem cuidar de saber se o entusiasmo das primeiras lições se manteria, sem quebra, pelo tempo fora.

Conheci-o sempre assim, carinhoso e sinceramente amigo. Sem desânimo, trabalhou ininterruptamente durante mais de cinquenta anos — mais de meio século... Da sua vida, de tanto que fez pela causa da esgrima em Portugal, muito há ainda que dizer. Alvezas da sua gloriosa carreira, a espaços agitada por curiosos aspectos do seu temperamento irrequieto, mas sempre preenchida por insona e desinteressada actividade, António Martins só com a satisfação de enorme obra produzida no decurso de cinco lustros encontrou compensação para o seu trabalho, — num cansaço que não sentia já mais e que era, paradoxalmente, como que o meio reconstituente da energia e o calmante para os nervos agitados pelo esforço.

As suas grandes qualidades de mestre fizeram dêle o primeiro. Passado já a época de maior vigor físico, integrou-se de maneira notável no movimento de transformação que a esgrima sofreu no princípio dêste século, pela divulgação do jogo da espada. Com visão, inteligência e prodigioso poder de adaptação, António Martins desenvolveu e apurou a tão elevado grau o seu método que formou a maioria dos grandes esgrimistas portugueses. O seu nome tornou-se justamente considerado — e até quem não se interessava pelo desporto das armas o conhecia como lâmina de fama, mercê das referências constantemente feitas à sua obra brilhante e à sua competência excepcional.

Há treze anos que desapareceu Mestre António Martins. Os seus amigos sinceros lembrá-lo-ão sempre comovidamente. Mas o tempo também esbate as mais entranhadas dedicações — e esquecer é um dos atributos do homem.

As suas últimas palavras foram de saudação para o sr. Director Geral de Desportos, para o representante da Direcção dos Serviços de Censura e para os nossos convidados.

Ao passo que se homenageia com regularidade a memória de figuras de muito menor projecção na vida desportista do País, o nome de António Martins recorde-se, quando muito, na realidade de um ou outro discípulo. É certo que o Centro Nacional de Esgrima organizou e promove anualmente a disputa do valioso troféu que tem o nome do seu venerando fundador. Mas será isto o suficiente para homenagear quem tanto trabalhou pelo esgrima nacional, transformando-se numa das mais brilhantes figuras do desporto português de todos os tempos?

Aqui deixo a interrogação — uma vez mais. E é flagrantemente lembrar que passou há pouco a data da morte do Mestre sem que ninguém se preocupasse, uma vez mais também, em evocar, com mais do que de linhas que fosse, tão excelsa personalidade.

AVELAR MACHADO

mos no nosso último número, o prazer de registar cordeais referências por parte de estimados camaradas de imprensa.

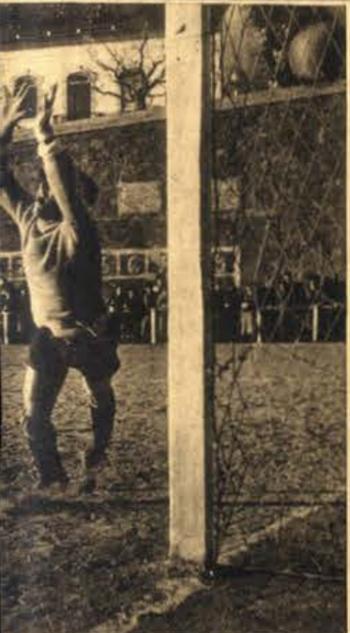
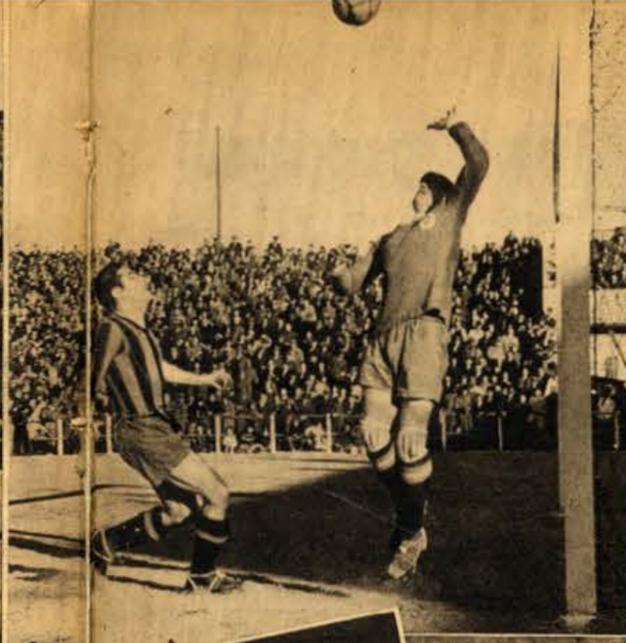
Até o momento em que escrevemos, anotamos e agradecemos desvanecidamente as seguintes:

Do Diário Popular:

Com um número extraordinário de trinta e duas páginas, comemorou ontem a passagem do segundo aniversário da sua nova série a revista «Stadium», de que é director o dr. Guilhermino de Matos.

Trata-se de um semanário de muita influencia no desenvolvimento do desporto

(Continuação da página 14)



a sublinhar na 5ª jornada
do CAMPEONATO NACIONAL:
a excelente exibição do OLHANENSE
e a copiosa derrota dos F.C. PORTO



NA AMOREIRA
 7—Raul Silva, Bravo, Romão e Guilhar em luta junto das balizas portuenses; 8—A acrobacia de Barzigena posta à prova nesta defesa, para evitar que Vieira atingisse o esférico. A defesa nortenha estava ultrapassada...; 9—A contrabalança a avalanche de «goals» dos estorilenses, e F. C. Porto não pôde ir além deste tento, que Catalino se vê a rematar em recarga.

NO CAMPO GRANDE:
 1—Martins mergulha para arrebatar a bola a Cabrita. Cerqueira observa o esforço do seu «keeper»; 2—Álida Martins, salvando para «cantos» um perigoso remate; 3—Carqueira e Gaspar Pinto perseguem Moreira, que vai centrar em bom estilo.

EM SANTA CRUZ:
 4—Idalcio é batido por Taborda consentindo o duplo ponto dos estudantes; 5—Fase captada junto das redes setubalenses; 6—O guarda-redes académico repele para «cantos» um remate de Rodrigues.

A MARCA QUE VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS



Chaves de todos os modelos
 Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na **CASA DAS CHAVES**
 da Amadeu Gomes da Fonseca

O C. A. de Campo de Ourique vai criar uma escola de aviominiaura

para dar maior incremento a tão curiosa modalidade

O Clube Atlético de Campo de Ourique inaugurou há dias, como oportunamente focámos, uma sala de trabalho para os seus aviominiauristas e apresentou ao público uma curiosa exposição de modelos, que alcançou justificado êxito.

Formando conjunto muito interessante e digno de apreço, as aviominiauras expostas foram admiradas por inúmeras entidades oficiais que assistiram à cerimónia inaugural e por técnicos de nomeada, que louvaram a iniciativa do simpático clube e elogiaram a perfeição dos modelos apresentados.

Foi o Campo de Ourique o primeiro clube desportivo da capital a inaugurar uma secção de aviominiaura. O entusiasmo que emprestou à sua arrojada empreza teve a ampará-lo o auxílio de um membro do Conselho Técnico, o sr. Artur Marques Jorge, que foi nomeado presidente honorário da secção. Julgamos curioso ouvi-lo, tanto mais que sabemos estarem em projecto algumas medidas tendentes a desenvolver a idéa inicial.

Foi durante a exposição que resolvemos abordá-lo, para que dissesse aos nossos leitores qual o caminho que o Campo de Ourique irá trilhar e quais os projectos em curso.

Em resposta à nossa primeira pergunta, Marques Jorge disse-nos:

—É cedo ainda para declararmos publicamente o nosso programa. Mas à *Stadium*, que nos tem acompanhado sempre em tôdas as nossas iniciativas, não podemos—nem desejamos—deixar de dizer qual o caminho que escolhemos.

«Pensa a secção de aviominiaura do Clube Atlético de Campo de Ourique montar uma escola, dentro da agremiação, para todos os nossos concóscios que queiram dedicar-se à nova modalidade.

—Julga ser elevado o número de alunos?
—Sem dúvida! Há muitos entusiastas pela aviação dentro do clube e fora dele e registei com prazer o facto de inúmeras pessoas se nos terem já dirigido, afim de colaborarem connosco.

E prosseguindo, o nosso entrevistado afirma:

—Temos já elaborado o plano para um «Concurso Nacional de Aviominiaura», que brevemente será conhecido e para o qual instituiremos vários prémios, um dos quais consistirá numa taça que terá o nome de Carlos Nazaré da Costa Alves, nosso saído amigo.

«A seguir a este concurso, antes do qual realizaremos alguns de menor importância, que nos servirão de estudo, pensamos noutro de maiores responsabilidades...

—Não será avançar demais?—arriscamos...

—Creio que não! Temos bons construtores, pelo que tenho visto, e julgo não ser optimismo excessivo contar com um bom resultado. Também tencionamos promover, no nosso ginásio, uma série de conferências sobre aviação, para as quais projectamos convidar individualidades de relevo.

—Diga-nos: como nasceu a idéa de desenvolver assim a secção da aviominiaura dentro do Campo de Ourique?

—Foram as palavras do ilustre director do Secretariado da Aeronáutica Civil, tenente-coronel Humberto Delgado, quando do acto de posse, que nos animaram. De facto, a propaganda da aviação não deve ser feita por meio de folhetos—mas sim pela construção de planadores em miniaura. Por isso me liguei de corpo e alma aos componentes da secção de aviominiaura do Campo de Ourique, amparando a sua idéa e tornando possível levar por diante a sua iniciativa.

—Era já um simpaticante da aviação?

—Já aos 16 anos construí aparelhos em cartolina, que lançava dos andares altos dos prédios. Fazia-se então aviominiaura a brincar...

O nosso entrevistado, que se mostra satis-

feitíssimo com o êxito da 1.ª Exposição do seu clube, não esconde o reconhecimento por quantos assistiram ao certame e tem esperança que Nuno Spinola, Baía dos Santos, Júlio Pereira, Cara de Anjo e Gaspar Pinto o ajudem a executar, com os seus conhecimentos técnicos, o programa que nos expôs.

E a findar, Marques Jorge afirma-nos:



Marques Jorge confere com a «Stadium» os seus interessantes projectos

—Creia que as portas do Clube Atlético de Campo de Ourique estão abertas, de par em par, para receber a colaboração de quantos se interessem pela aviominiaura—e peço-lhe que seja *Stadium* o porta-voz do nosso convite a todos os clubes, grandes ou pequenos, para se procurar intensificar e desenvolver a nova modalidade desportiva!

Marques Jorge, que naquele momento nos falava em nome do seu clube, não receia a concorrência—deseja-a...

ANTAS TEIXEIRA

Desporto no estrangeiro

Uma nota por semana

A guerra e a consequente deslocação para fora do seu território nacional de alguns milhões de homens moços e válidos, não impediram que os Estados Unidos da America mantivessem a regularidade anual dos seus campeonatos desportivos.

Em fins de Agosto — o acontecimento não é recente mas só agora chegaram pormenores relativos — disputaram-se os campeonatos de natação e, ao contrário do que poderia supor-se, dadas as circunstâncias mundiais, os resultados foram melhores do que os da temporada precedente.

O nadador mais em realce foi Jerry Kerschner, que venceu os 100 e 200 metros, estilo livre, respectivamente em 59 s. e 2 m. 12,9 s., tempos notáveis, sobretudo o segundo, que durante o ano só foi excedido no mundo por dois outros especialistas americanos: Bill Smith, com 2 m. 6,2 s., e Jack Hill, com 2 m. 12,5 s.

As provas de maior distância foram ganhas por um homem que, pelo nome, parece de ascendência nipónica: Keo Nakama. Os seus tempos foram de 4 m. 55,6 s. para os 400 m., 10 m. 26,9 s. para os 800 m. e 19 m. 42,6 s. para os 1500 metros.

Nas competições femininas salientou-se uma rapariga de dezoito anos, Ann Curtiss, que conseguiu um quadruplo triunfo: 100 m. 1 m. 9,5 s.; 400 m. em 5 m. 32,4 s.; 1500 m. em 22 m. 13,1 s.; e, no ultimo dia do torneio, 800 m. em 11 m. 29,5 s.

Faz parte dos programas oficiais americanos de natação uma prova individual de 300 metros nos três estilos, demonstração de ecletismo cujo interesse não carece enaltecimento.

Os vencedores deste ano foram Verdeur, em 4 m. 7,3 s., e a menina Joan Fogle, em 4 m. 33,1 s.

Assine a STADIUM

INICIATIVA INTERESSANTE

Uma casa de repouso

para os atletas do Benfica

O Sport Lisboa e Benfica é dos clubes portugueses com mais amplo espirito de iniciativa e coesão. É um clube que não sabe, que não pode parar. Para ele, parar pode não ser morrer — mas é, pelo menos, marcar passo... E isso não está nos seus hábitos. Não é tradição no clube. Para a frente — e por bom caminho!

A sua população associativa é, também, das mais unidas, das mais entusiásticas. A legenda de «um por todos, e todos por um» não é apenas uma divisa... Pertence igualmente à tradição do Benfica. Corresponde à sua maneira de ser. Os seus sócios classificam-se de família. Temos, assim, em síntese, que se nos afigura justo pôr em relevo — um clube popular, progressivo, unido e entusiasta.

Nem sempre tem sido fácil e sossegada a vida do popular clube lisbonense. Teve alguns períodos de crise. Mas tem podido manter íntegra a vibração da massa associativa. A velha «alma» do Benfica, que vem desde os tempos distantes do Sport Lisboa, não é uma ficção literária. Existe, palpita — e é capaz de todos os sacrifícios pelo clube, pelos atletas ou para arrancar qualquer triunfo, quando já parece pouco provável. No Sport Lisboa e Benfica, querer — é poder.

Vem estas considerações a propósito de uma nova iniciativa daquele clube, que é das mais interessantes e mais oportunas que o Benfica tem procurado realizar, em quarenta anos de generosa actividade na propaganda e expansão dos desportos, em todo o país. Trata-se da criação de uma «Casa de repouso para

os atletas» — uma ideia de grande alcance, como expressão dos cuidados do clube na preparação e defesa dos seus atletas, de todos quantos envergam a camisola rubra do Benfica, tanto para os «ases» como para a gente modesta que se bate com a mesma galhardia. Tem grande alcance — e pode ter notável projecção no futuro.

A ideia saiu da Comissão da Iniciativa e Propaganda do Sport Lisboa e Benfica, comissão que reúne sempre alguns dos elementos de mais relevo no popular clube e à qual se deve muito da expansão da colectividade nos últimos anos. Corresponde, porém, a um velho propósito de desenvolver a função social do do desporto, dentro do clube, e de tornar mais ampla e efectiva a assistência desportiva e social que o clube presta aos seus atletas, áqueles que o representam nas lutas nobres, mas arduas, de competição desportiva. Esta ideia vive um pouco na tradição do clube. Isso bastará, por certo, para lhe dar grandes possibilidades, de êxito.

Por hoje, queremos falar sómente da iniciativa, nas suas linhas gerais e no seu superior objectivo, independentemente das condições em que se procura alicercar a sua realização, dentro da pouco tempo. E, no entanto, nosso desejo acentuar que o Benfica se dispõe a contar especialmente com os recursos próprios, à custa de uma série de provas e torneios. Pode, porém, contar com o nosso auxílio, aqui oferecido espontaneamente, pela simpatia que a iniciativa nos merece.

M. de O.

Desporto em Portugal

O acontecimento da semana

O decreto 32.946, publicado em 3 de Agosto de 1943, estabelecia, entre outras determinações doutrinárias, a obrigação para todos os clubes de manterem classes de gymnástica para preparação física dos seus atletas representativos.

Reconhecendo a profunda remodelação que essa norma imporia à orgânica das colectividades desportivas, que apenas em excessivo número seguiam já semelhante preceito, o decreto estipulava o prazo de um ano para a sua aplicação efectiva; isto equivale a dizer que, desde o início da corrente temporada de inverno, nenhuma agremiação deve manter desportistas em actividade sem que recebam de professor competente as indispensáveis lições de gymnástica educativa e pré-desportiva.

Decorridos alguns meses sobre o início das práticas de inverno, com o futebol, o «basket» e o «handball» em plena actividade, parece ser chegado o momento de verificação do cumprimento das disposições da lei; e dizemos assim porque os clubes da 1.ª e 2.ª divisões da Associação de Lisboa receberam da Direcção Geral de Educação Física e Desportos uma nota soliciando a indicação do nome do professor de gymnástica que ministra ensinamentos aos seus futebolistas, do local onde se efectua as lições e competente horário, afim de permitir para breve o início das visitas de fiscalização dos Inspectores de Desporto.

Não se torna necessário grande comentário para pôr em evidência a importância de semelhante determinação, cujo alcance vai muito além do cumprimento simples de uma obrigação imposta pela lei.

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

VIII — A acção dos dois médios

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

O papel dos médios no decurso do jogo é dos mais activos e exige daqueles que o desempenham constante mobilidade, muita atenção e espírito de iniciativa.

Dos médios depende, pode dizer-se, o aproveitamento do trabalho dos avançados e não há formação de ataque que possa brilhar, mesmo auxiliada por absoluto domínio dos avançados, se a parilha dos médios falhar nas suas atribuições de transmissora e de orientadora.

Ónde mais importante se manifesta a acção dos médios é nas suas relações com a formação. O procedimento de ambos nessa fase do jogo apresenta-se enredado em complicações de todo o género e, no «rugby» de hoje, representa indiscutivelmente toda a base estratégica da ofensiva.

No entanto, o mecanismo sobre o qual assenta a manobra é extremamente simples: resume-se apenas ao gesto que um dos médios, colocado junto do agrupado dos avançados (médio de formação), executa, transmitindo sem perda de tempo a bola de que se apossou ao outro médio (médio de abertura), colocado atrás dele e que, por seu turno, a fará chegar às mãos dos três-terços.

A imensa variedade de combinações possíveis resulta das condições de momento e de lugar em que os médios desempenham a sua função de intermediários.

Se considerarmos, porém, que todas as operações devem desenrolar-se com precisão absoluta mas em espaço de tempo mínimo, iludindo e antecipando-se à actividade da defesa adversária, é fácil compreender quanto é necessária a estes dois jogadores a faculdade de iniciativa rápida e de decisão, às quais devem corresponder condições físicas equivalentes.

Importa considerar, primeiro, que a condição essencial para o êxito da acção dos médios

COM dez anos de existência — comemorou-os há pouco tempo — o Desportivo Clube de Arroios, simpática agremiação do bairro que lhe deu o nome, pode já apresentar obra valiosa e persistente em prol do desporto, numa áncia permanente de progredir, de fazer sempre mais e melhor. E tem-o conseguido o prestante Desportivo de Arroios. Sobretudo nos últimos quatro anos, ou seja desde que o nosso amigo Joaquim Varandas Parreira passou a presidir aos destinos da colectividade, o progresso tem sido crescente de ano para ano — e o Desportivo de Arroios, o clube pequeno e modesto de há tempo, é hoje, pelo menos, o grande clube do seu bairro.

Mas será maior ainda, disso estamos certos. A continuar dentro do actual ritmo, o Arroios será amanhã — amanhã relativamente próximo — um grande clube de Lisboa. E que no Arroios trabalha-se. E trabalha-se dentro do bom critério. Além de um presidente com raras qualidades para o lugar, há um puñado de dirigentes honestos e competentes.

Nova vida — novos horizontes

O Arroios, como já tivemos ocasião de expor nestas colunas, nasceu, como tantos outros, do entusiasmo de meia dúzia de rapazes que se reuniam no bairro de Arroios e que desejavam praticar uma modalidade — o futebol. A história de sempre.

A pouco e pouco, muito lentamente, o clube aumentou; quando ingressaram na 3.ª Divisão

COLETIVIDADES QUE TRABALHAM

O Desportivo Clube de Arroios

é hoje o grande clube do seu bairro

— diz-nos JOAQUIM VARANDAS PARREIRA

da A. F. L. atingiu cerca de 400 sócios. O seu campo era igual ao de tantos outros clubes. A sua sede era acanhada como tantas outras que há por aí, em agremiações sem condições de vida.

Mas hoje...

— Hoje, não — diz-nos Varandas Parreira. Hoje, o Desportivo Clube de Arroios é uma agremiação florescente, progressiva, e o que acima de tudo deseja salientar — com condições de vida. Hoje o Arroios tem uma outra vida, outros horizontes, outras actividades.

E continua:

— Temos, presentemente, 1.200 sócios. Na semana em que a sede foi inaugurada, em cinco dias aprovámos mais de 300 propostas. O bairro é populoso e os seus moradores têm correspondido admiravelmente. Figuras de relevo, em todos os campos da actividade, residentes aqui, são sócios do clube. Assim, pode trabalhar-se...

— Quere dizer que a sede inaugurada recentemente veio trazer grande impulso ao clube?

— Sem dúvida. Era uma necessidade. Agora, o Arroios tem uma sede de que pode legitimamente orgulhar-se. E quando, logo que nos seja possível, transformarmos em ginásio o actual salão de festas, ficará completa, pois o pósto médico, que reputamos indispensável, já possui todos os requisitos necessários.

Um belo campo de jogos

Fala-se, em seguida, da actividade desportiva do Arroios. Varandas Parreira expõe:

— Antes de mais nada, quisemos melhorar o nosso campo de jogos da Estrada das Amoreiras. E conseguimos-lo. O nosso terreno é hoje, sem dúvida, o melhor da 3.ª Divisão. Bom piso, uma bancada de cimento armado que já comporta quatrocentas pessoas e que será aumentada a pouco e pouco e onde se hão-de construir camarotes. Bons balneários e um campo de «basketball» em construção.

— A turma de futebol do Arroios, esta época...

— Tenho as maiores e mais fundadas esperanças nos rapazes, todos eles disciplinados, correctos e cumpridores. Entregues aos cuidados de um treinador de comprovada exper-

(Continua na pág. 15)

Para também ganhar tempo, que mais do que nunca constitui nesta emergência a chave da vitória, o médio de abertura não esperará parado a passagem do parceiro; logo que o veja na posse da bola, iniciará a corrida para a frente, ao encontro da passagem, que em treinos deve ser regulada por forma a permitir com segurança matemática toda esta manobra combinada.

O esquema da fase de jogo pode definir-se assim: distância entre os médios, seis a oito metros no momento em que o primeiro lança mão da bola, ficando o de abertura nessa distância obliquamente para trás do de formação.

Quando este pega na bola, o outro corre para diante, de maneira a ir alcançar a meio caminho a bola lançada pelo primeiro na direcção do previsto encontro, e não naquele lugar primitivamente ocupado pelo médio de abertura.



AS DECISÕES POR PONTOS NOS COMBATES DE BOXE

NOS combates de boxe o árbitro costuma ser juiz supremo e único. As suas decisões, sempre que não estejam em flagrante desacôrdo com a legalidade, costumam ser definitivas e sem apêlo.

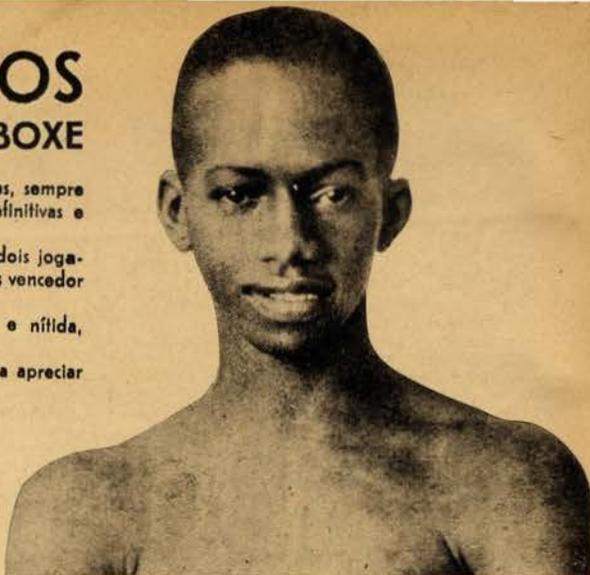
Isto não significa que sejam também justas e criteriosas, em especial no caso de dois jogadores terminarem de pé o último assalto. Então, torna-se necessário designar um deles vencedor e é raro que a assistência concorde com o veredicto que se proferir.

A opinião do público manifesta-se logo pela divergência, geralmente vigorosa e nítida, conforme a decisão for encarada: uns protestando, outros aplaudindo.

Ora sucede que os espectadores raras vezes podem ser juiz competente e apto a apreciar com segurança e independência os acontecimentos desenrolados no quadrângulo. Além de ficarem dispersos pelo recinto e variarem, de indivíduo para indivíduo, com o lugar que ocupam, as possibilidades de uma visão exacta daquilo que ocorre no «ring» — porque a distância é grande ou porque o ângulo de observação é impróprio — também não apreciam as fases da luta sob um critério desapassionado e conforme. Os sentimentos íntimos do espectador inclinam-se, sempre, mais para certo pugilista que para outro e só raras pessoas sabem conservar-se calmas e indiferentes.

O árbitro é decerto a pessoa que desfruta de melhor posição para ver e decidir acertadamente — se for imparcial e conhecer bem o ofício. Mas as funções do «terceiro homem» são deveras delicadas e cheias de espinhos, porque exigem permanente atenção, ausência de sentidos para não ver e ouvir o público, raciocínio pronto e mais qualidades que poucas pessoas poderão gabar-se de possuir.

Nos casos em que é forçoso designar um vencedor por pontos, as dificuldades aumentam para o árbitro, não diremos de acertar mas de agradar. Raros são os espectadores que conheçam e saibam as regras da atribuição pontual e queiram sujeitar-se à inflexibilidade eloquente dos algarismos. Daí as divergências entre o público e os árbitros, que tanto prejuizo têm acarretado à popularidade dos últimos nomeados.



O campeão do Mundo Al. Brown a que se alude nesta crónica

Em Portugal redigiram-se há algum tempo as seguintes instruções, que foram objectivo de crítica fácil e leviana:

«No fim de cada assalto o árbitro e os juizes (se os houver) atribuirão 20 pontos ao pugilista que tenha dominado o antagonista, de acôrdo com os factores essenciaes seguintes, descritos por ordem de importância:

- a) — ter applicado maior número de golpes nítidos e vigorosos;
- b) — ter executado com êxito paradas ou esquivas em maior quantidade;
- c) — ter pôsto em prática a tática mais proveitosa;
- d) — ter maior poder de golpe;
- e) — ter exhibido maior resistência;
- f) — ter sido mais leal e correcto.

«Em caso dos dois pugilistas haverem demonstrado iguais méritos, o assalto considera-se empatado e atribuir-se-ão 20 pontos a cada um deles.

«O número de pontos attribuido ao jogador dominado está de acôrdo com o seu comportamento e será proporcional à diferença de méritos. Assim, subentende-se que a relação 20-19, ou mesmo 20-18, corresponda a um dominio ligeiro do vencedor do assalto, e que 20-16 ou 20-15 demonstra acentuado predomínio.»

A injustiça dos comentários que então vieram a lume relacionava-se com a seguinte disposição, que fôra interpretada erradamente:

«Para corrigir possiveis erros na apreciação e applicação dos pontos, admite-se que, havendo entre os totais uma diferença igual ou inferior a meio-ponto por assalto, o árbitro deve declarar o empate. Assim por exemplo, num combate em 10 assaltos, é necessário que um pugilista alcance mais 5 pontos de vantagem sobre o outro (dez vezes meio ponto) para lhe ser outorgada decisão.»

Não nos parece indispensável gastar espaço e palavras na justificação desta cláusula. Justifica-se por si mesma. Mas, para os leitores menos habituados a estes assuntos, diremos que é um meio de reduzir as más decisões, eliminando as probabilidades de attribuir a vitória a quem a não merece ou a merece por diferença escassa.

O critério pontual acima descrito e escolhido por nós, na qualidade de delegado da Direcção Geral junto do pugilismo profissional, é em quasi tudo semelhante ao que se pratica no estrangeiro. Para confusão dos nossos detractores, estampamos aqui a cópia dos boletins officiaes de pontuação do combate travado entre o pugilista espanhol Sangchili e o campeão do Mundo Al. Brown, realizado em Paris, a 4 de Março de 1938.

Uma análise simples do documento permite ver que a pontuação é attribuída na base de 20 pontos ao vencedor do assalto, quer no boletim do Juiz Casanovas como no dos restantes: Dechene e Rabret. A assinatura do secretario Geral da Internacional Boxing Union, Paul Rousseau, autentica a veracidade do documento.

Quis-nos parecer, quando redigimos as instruções agora em vigor, que andámos vagando no bom senso. E cumpre-nos agradecer a quem tão amavelmente nos cedeu o documento que se publica hoje a oportunidade de confundirmos, uma vez mais, os nossos detractores.

Rafael Barradas

INTERNATIONAL BOXING UNION

II Mars 1938.

FONDÉ LE 6 AVRIL 1918
24, BOULEVARD POISSONNIÈRE
PARIS

LE TELEPHONE RICHELIEU 54-59

Bulletin de pointage du Championnat

du MONDE COQS
SANGCHILI-BROWN

Vendredi 4 Mars 1938 à PARIS

ADRESSE TELEGRAPHIQUE
OVERTISTE - PARIS - 98

1° Juge : M. CASANOVAS (Espagnol)
2° Juge : M. DECHENE (Belge)
3° Juge-Arbitre : M. Edouard RABRET (Français)

PRISES:	SANGCHILI			AL. BROWN		
	CASANOVAS	DECHENE	RABRET	CASANOVAS	DECHENE	RABRET
I	19	18	18	20	20	20
2	19	19	18	20	20	20
3	20	19	18	20	20	20
4	20	20	20	18	20	20
5	20	19	18	20	20	20
6	19	19	18	20	20	20
7	19	19	17	20	20	20
8	19	19	18	20	20	20
9	20	20	20	18	19	17
10	20	19	19	19	20	20
II	20	19	20	20	20	20
I2	20	20	19	19	19	17
I3	20	20	20	17	18	17
I4	20	20	20	17	18	20
I5	20	20	20	18	18	20
	295	290	282	286	292	291

DECISION : AL BROWN, vainqueur aux points.

Four copie conforme
la Secrétaire-Général de l'I.B.U

Paul Rousseau

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



EM LISBOA: Hockey em campo — 1 A equipa do Benfica que segue à frente da classificação no "Torneio de Abertura". Atletismo — 2 Os concorrentes no torneio de domínio no Belenenses. Basketball — 3 Fase do jogo de 1.ª categoria entre Sporting e o Belenenses. No Rio Soco S. C. — 4 O grupo cénico do clube que tem desenvolvido excelente actividade.



"Ténis" de mesa — 5 Os convivas ao jantar de homenagem aos jogadores do Benfica. Pugilismo — 6 Os vencedores dos campeonatos regionais do sul: (da esquerda para a direita) C. Costa, A. Oliveira, M. Ma tins, J. Jorge, R. Corral, P. Alvarez e L. Serra. NO PORTO: "Ténis de mesa" — 7 As equipas do Académico e do F. C. Porto que se defrontaram há pouco um encontro de forte expectativa e que o primeiro ganhou por 5-0. Esgrima — 8 Na distribuição dos prémios dos últimos torneios, à qual presidiu o sr. Basto Correia, delegado da Federação Portuguesa de Esgrima do Porto



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfacataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não nada luxu.

O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da pág. 2)

ainda no grupo base e fundamentos. Assim o demonstra a maneira como o grupo se comportou contra o Vitória, no capítulo defensivo. Na verdade, tanto os defesas como os médios, incluindo o guarda-redes, mantiveram ao longo de toda a partida acção valiosa e consciente, opondo obstáculos às arremetidas setubalenses.

Realizando-se, e de lado a lado, o jogo de bolas altas, e necessariamente o lance valente e duro do corpo-a-corpo tão do agrado de ambas as forças em presença, necessariamente deveria faltar ao futebol de Santa Cruz — faltou, na realidade — a certeza no passe e a precisão no lance.

No entanto, sendo o deslize pelo prisma do ataque, não há dúvida que o lado setubalense foi bem mais valioso. Prova-o não só a realidade do jogo, como as modificações introduzidas na linha atacante académica, e o diferente rendimento dos interiores nos dois campos. Enquanto que, na Académica, estas importantes funções de interior como que desapareceram, ressentindo-se dessa falha todo o conjunto, no Vitória (Setúbal) foram eles os chamados *puntais*, os que guiavam e coordenavam o esforço dos restantes no papel de ligação entre dois sectores que precisam de ser bem ajustados.

Sporting venceu, resolvendo o problema logo no começo

Dizia-nos outro dia um excelente crítico que o Sporting era o grupo com melhor *mise-en-marche*, isto é, que mais rapidamente atingia a toada do bom jogo, encontrando logo nos primeiros momentos o seu máximo potencial futebolístico.

Foi este poder, realmente bem apontado por aquele nosso camarada, que bateu o Salgueiros, conseguindo a menos de um quarto de hora a margem de dois goals.

Quere dizer, em obediência à orientação por nós tantas vezes enunciada de que todos os encontros são difíceis e principalmente os disputados no estrangeiro, o Sporting pôs a acção com o máximo rendimento a sua máquina logo que o árbitro ordenou o começo. Em seguida, com o triunfo na mão, deu-se ao jogo calmo de combinações, sem sobressaltos e preocupações.

Reaparecendo a parêntese Cardoso-Marques, o bloco de defesa mostrou a costumada coesão ante um adversário de guinadas e reacções episódicas.

PODE ESCANHOAR-SE À VONTADE



Se usar creme OATINE, o creme que contém LANOLINA, — de excelentes propriedades suavizantes — Por isso a cutis fica aveludada e com uma agradabilíssima sensação de bem estar.

OATINE

Loção para DEPOIS de barbear
Produtos de beleza
Perfumarias de fama Mundial
À VENDA NAS BOAS CASAS

A perfeita marcação dos defesas sportinguistas aos avançados contrários não lhes deu tempo a estes, na maior parte dos casos, a remates certos e em boas condições. Por sinal, e em contraste, a linha avançada leonina produzia futebol de bom entendimento, com remates frequentes. O jogo, pese ao desnível de forças, comportou motivos de agrado.

II DIVISÃO NACIONAL

Prosseguiu no último domingo o Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão. A segunda jornada da importantíssima competição revelou-se de maior regularidade do que a anterior, pois, sem a contrariedade do mau tempo, todos os encontros se efectuaram. Pode afirmar-se que os trinta e cinco desafios que o calendário da prova anunciava despertaram apreciável interesse de norte a sul do País, servindo não só a propagação do futebol, mas também algumas rivalidades.

Vejamos, agora, o que nos dá o balanço de segunda jornada. Realizaram-se, como já disse-mos, 35 desafios, tendo-se marcado 143 goals — 72 dos visitados, o que não impediu que se registassem 14 vitórias dos primeiros e 16 dos segundos. Deduz-se, portanto, facilmente, que houve 5 empates. Como na jornada anterior só num desafio não se marcaram goals — um empate 0-0.

Desta vez nenhum clube logrou atingir a dezena na marcação de tentos. O mais expressivo resultado pertenceu à Oliveirense, seguindo-se-lhe o Atlético Clube de Portugal, que, oito dias antes, já se evidenciara sobremaneira.

Treze clubes — mais quatro do que na 1.ª jornada — conseguiram manter as suas redes invioláveis.

No Grupo A, disputaram-se oito encontros com os seguintes resultados: Vianense-Sporting de Fafe, 1-2; Gil Vicente-Coimbrões, 4-0; Remadense-Sporting de Braga, 1-2; Famalicão-Leça, 2-0; Infesta-Vilanovense, 3-5; União de Lamas-Leixões, 4-6; Sporting de Espinho-Académico, 0-1; Avintes-Ovarense, 3-2.

Os clubes da Associação de Futebol de Braga foram os que estiveram mais em evidência: nem um só saiu do campo derrotado. E as vitórias do Sporting de Braga e do famalicão merecem especial referência: a primeira por ter sido obtida sobre os campeões da II Divisão da A. F. do Porto, no campo destes; a segunda porque os adversários dos famalicenses são da I Divisão da A. F. do Porto. Também é digno de elogio a vitória do Sporting de Fafe, em Viana do Castelo.

O Leixões e o Académico regressaram a casa vencedores de clubes da A. F. de Aveiro. Repare-se que no encontro União de Lamas-Leixões se marcaram 10 goals.

No Grupo B, efectuaram-se também oito encontros. Resultados: Oliveirense-Bodiosenses, 8-1; Beira Mar-Académico de Vizeu, 2-0; Tondela-Anadia, 0-2; Lusitânia de Lourosa-Sanjoanense, 2-3; Atlético Marinhense-Naval 1.º de Maio, 3-0; Alhendra-Aguia Vilafranquense, 2-1; União Operária-Sporting de Tomar, 1-2; C. U. F. de Lisboa-Sacavenense, 3-0.

Aparte o primeiro destes resultados, nenhum outro deixa transparecer acentuado desequilíbrio de forças, se bem que os scores obtidos pelos cufistas de Lisboa e Marinhenses não deixem pensar que estiveram em dificuldades. Difícil, sim, a saída da Sanjoanense para Lourosa. Os Bodiosenses desfeziram a boa impressão da jornada anterior. As lutas entre clubes da A. F. de Santarém parecem ter sido caracterizadas por equilíbrio.

No Grupo C, tal como aconteceu uma semana antes, foi maior o número de encontros — doze. Eis os resultados:

Peniche-União Torreense, 1-3; Marvilense-Atlético, 1-7; Leões de Santarém-Casa Pia A. C.,

0-5; F. Benfica-Ferrovieiros, 2-1; Unidos do Montijo-Seixal, 4-2; Lusitano do Barreiro-Gimnásio Clube do Sul, 5-0; Chelas-Olivais, 4-2; União Piedense-Barreirense, 2-2; Comércio e Indústria de Setúbal-Aldegalense, 0-3; Fósforos-Almada A. C., 3-3; União de Sesimbra-União Argentina, 1-1; C. U. F. do Barreiro-Operário de Lisboa, 2-0.

Sallam à vista: a nitidez da vitória dos casapienses, em Santarém, os empates do Barreirense e do Fósforos. Os resultados obtidos pelo Torreense, Atlético, Unidos do Montijo e Chelas estão dentro das previsões. O Futebol Benfica teve dificuldades com que talvez não contasse, ao contrário do Lusitano do Barreiro que venceu mais nitidamente do que se supunha. O Almada A. C. apresenta-se como *ouli-sider*. O Operário foi o menos afortunado de Lisboa, mas tem a atenuante de ter jogado no terreno dos barreirenenses.

No Grupo D, só sete dos desafios os seguintes resultados: Covilhenses-S. L. Castelo Branco, 2-1; Albicastrenses-S. L. Covilhã, 1-4; Portelegrese-Lusitano de Évora 2-2; União de Montemor-Estrêla, 2-1; Juventude-S. L. e Elvas, 1-3; Portimonense-Sporting Farense, 0-0; Louletano-Lusitano V. R. S. António, 1-3.

A ideia dominante é a de que não houve disparidade de valores. Repare-se que as filiais do Benfica saíram todas vencedoras. Entre covilhenses e Albicastrenses tudo acabou em bem. Uma vitória para cada região e ambas obtidas pelos visitantes. O União de Montemor, campeão da A. F. de Évora, e o Sport Lisboa e Elvas, campeão da A. F. de Portelegre, não deixaram os seus créditos por mãos alheias. É mais de realçar, no entanto, o triunfo elvense, pela sua maior nitidez e por ter sido obtido no campo dos contrários.

O Portimonense continua a impôr-se às equipas mais categorizadas e o Lusitano venceu naturalmente os vizinhos de Loulé.

ZÉ DO PEÃO.

Reportagens gráficas

Capas e números esgotados

Informamos os interessados que já foram expedidas todas as copias que nos solicitaram até esta data, bem como se encontram satisfeitas todas as requisições recebidas de exemplares esgotados.

No caso de se verificar alguma falta, pedimos o favor de avisar a nossa administração.

Bilhetes de Identidade

A fim de poder dar cumprimento às disposições legais publicadas ultimamente sobre bilhetes de identidade, informamos todos os nossos colaboradores e correspondentes que ficam anulados, a partir de 31 do corrente, todos os bilhetes de identidade da nossa revista.

Oportunamente informaremos da data em que poderão ser-nos pedidos os novos bilhetes.

O 2.º aniversário da STADIUM

(Continuação da página 7)

no nosso país, cujo esforço é admirável na apresentação de números magníficos, em que a ilustração, sempre interessante, é completada por valiosa matéria de técnica e de propaganda a cargo de especialistas. O meio desportivo tem-lhe dispensado carinhosa acolhida e a publicação não se dispensa de trabalhar a cada momento para o seu progresso justificando assim o êxito da sua caminhada.

Ao seu director assim como ao corpo redactorial, chefiado por Avelar Machado e de que fazem parte competentes figuras do jornalismo da especialidade, como Mário de Oliveira, Tavares da Silva, Rafael Barradas, dr. Salazar Correia, Carlos Correia, Gil Moreira, e novos como Fernando Sá e Abreu Torres, as nossas felicitações, não esquecendo nestas o sr. Amadeu Seabra, o grande impulsionador do semanário.

De Os Ridículos:

Apresentado com o aspecto festivo dos dias de cerimónia, o último número da popular revista Stadium assinala brilhantemente o termo dos seus dois primeiros anos de trabalho.

A Stadium, onde contamos excelentes camaradas e amigos, os nossos parabéns e votos de grandes venturas.

Por falta de espaço, temos de guardar para o próximo número a referência a outras felicitações recebidas.

BASKETBALL

NA III DIVISÃO DA A. F. L.

Vitórias do Atlético, Belenenses e Cuf no campeonato de Lisboa

Palmense e Arroios em evidência

PUGILISMO

(Continuação da página 6)

Anona jornada do campeonato de Lisboa teve como notas salientes a vitória do G. D. da CUF sobre o Algés e a meritória exibição do Lisgás frente ao Benfica. Qualquer destes dois grupos procurou com afino obter o melhor resultado possível. Por coincidência, foram os últimos minutos que pesaram no resultado: o primeiro valeu-se da maior resistência física dos seus jogadores, o que lhe permitiu suplantar o melhor conjunto do Algés, depois deste, na 2.ª parte, ter recuperado a marcação perdida na primeira; quanto ao segundo, foi exactamente esta resistência que lhe faltou e que o fez baixar bandeira no declinar do encontro. De facto, o Benfica, mais homogêneo, apesar de incluir na sua linha Sebastião em noite de infelicidade, pôde forçar nos últimos minutos o marcador, após ter estado em inferioridade de pontuação. Valeu-lhe o superior comando de Homero e a vivacidade de Trindade para contra-balançar a actuação do Lisgás, que neste encontro realizou, sem dúvida, a melhor exibição da temporada.

Nos outros dois jogos, ha a salientar a escassa pontuação verificada, sobretudo a do Belenenses — Carnide: 24-14. De muito melhor são capazes qualquer dos contendores, especialmente «os azuis», se atendermos à crise que os «carnidenses» atravessam.

A insistência com que de longe procuraram o cesto só lhes trouxe desvantagem — e as substituições que efectuou na linha deanteira de pouco lhe valeu. É notória esta irregularidade do grupo de Belém, apesar de ser constituído por jogadores de primeiro plano. Falta-lhe esquematização de jogo, que lhe garanta uma técnica definida, para poder impor-se a qualquer adversário tornando-o de verdade grupo aguerrido e de constante superioridade.

O Atlético-Sporting foi de nitido domínio técnico do primeiro, conquanto o vencido tivesse mostrado sempre vontade em equilibrar o resultado.

No entanto, nunca foi grupo que desse sensação de poder sair vencedor do campo; a noite apagada de Pinto da Rocha entrouvava bastante a acção sportinguista — que procurou, a meio da 2.ª parte, com a passagem de Campos para a linha da frente, minorar tanto quanto possível este inconveniente. O resultado final é-lhe bastante favorável.

Após esta jornada, verifica-se que os grupos ocupam as mesmas posições que na anterior, excepto o Algés, que se isolou em 4.º, e a Cuf, que ocupa o 5.º, na companhia do Carnide e do Lisgás. A ordem é a seguinte: Belenenses e Benfica, 23 pontos; Atlético 21; Algés 19; Carnide, Cuf e Lisgás, 15; e Sporting: 13.

*

Já é tempo dos dirigentes dos clubes terem tudo preparado para que à última hora não surjam demoras no início dos jogos. Sabendo-se de ante-mão qual a cor das equipas que se defrontam em determinado desafio, e havendo o perigo de se confundirem, deve-se-lhe estabelecer com tempo qual o grupo que teria de mudar de camisola. Isto evitava a demora verificada para se dar começo ao desafio Cuf-Algés.

J. A.

Sr. desportista!!

O tabaco é o maior inimigo do seu organismo e das suas fontes de energia. Combata esse perigoso vício — que lhe arruina todas as faculdades — com o

Elixir anti-fumante

potentissimo desinfectante e restaurador da saúde.

Frasco 5\$00

Pelo correio 7\$00

À venda: em Lisboa, SIR, rua dos Fanqueiros, 262, 2.º, dt.º; no Porto, Azeredo & Morgado, Limitada, rua Mousinho da Silveira, 352.

Jornada a jornada, o campeonato da 3.ª Divisão da A. F. L. ganha novos e maiores motivos de interesse. Ao cabo da oitava jornada da primeira volta duas equipas têm sérias e justificadas pretensões ao título: Palmense — o campeão de 1942-43 — e o Desportivo de Arroios, este ano em manifesta melhoria de forma. De momento, são ainda prematuros quaisquer prognósticos. Não será, porém, muito ousado, afirmar que, de entre os dois, sairá o campeão da época em curso.

No último domingo, tanto o Palmense como o Arroios, defrontavam adversários pouco perigosos.

O Palmense desbaratou-se com facilidade do Estrela da Amadora, vencendo-o por 3-1, sem que para isso tivesse que se empenhar grandemente, obtendo também em reservas um expressivo triunfo: 9-1.

Igualmente fácil a vitória do Arroios, por 4-1, sobre o Mirantense. E expressivo o «score» obtido em reservas: 8-1.

O Amoreiras obteve, no seu jogo com o Desportivo da C. P. — o «lanterna vermelha» — o maior «score» do torneio, em categorias de honra: 11-1. Resultado um tanto excessivo, e que não corresponde às realidades. O Vitória, um estreante que entrou com o pé direito, obteve mais um triunfo, por 3-1, contra o Cascalheira. E ganhou, também, em reservas, de modo a não deixar dúvidas — por 5-1.

O Desportivo Operário, que ocupa posição interessante, encontrou no Tarujense — outro estreante da prova — um adversário difícil, e sofreu uma derrota por 2-1. Em reservas, não foi além do empate a três bolas. Qualquer dos resultados é bastante lisonjeiro para os esforços tarujenses.

Ao cabo da oitava jornada (não esquecendo que há clubes com jogos em atraso) a classificação ficou assim ordenada: 1.º Vitória, 19 pontos; 2.º Arroios, 19 pontos; 3.º Palmense, 18 pontos; 4.º Amoreiras, 16 pontos; 5.º Operário, 15 pontos; 6.º Olivais, 14 pontos; Mirantense, 13 pontos; Cascalheira, 13 pontos; Amadora, 11 pontos; Tarujense, 11 pontos; Desportivo d. C. P., 7 pontos.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

À venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias. Depositários gerais: Vextura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 4\$80 em selos do correio, nome e morada.

Colectividades que trabalham

O Desportivo de Arroios

(Continuação da página 11)

tência, o antigo jogador casapiano António Augusto Lopes, seguindo regular e metódica preparação, os nossos jogadores apresentam-se como candidatos sérios ao título. O campeonato é longo, as outras equipas jogam excessivamente à base de dureza... Mas tenho muitas esperanças, muitas...

— Aparte o futebol, o Arroios mantém outras secções desportivas?

— Mantemos, presentemente, as secções de ciclismo amador, ciclo-turismo, «tennis» de mesa, campismo e «basketball». E teremos, muito brevemente, atletismo e aulas de ginástica, para o que contamos com um professor que, por si só, é uma garantia: Fernando Ferreira. Só representa o Arroios em atletismo quem nunca tenha representado outro clube. Começaremos com uma equipa de estreantes. É que queremos fazer obra séria, honesta e sã, em todos os campos da nossa actividade.

*

E assim terminou Varandas Parreira as suas considerações acerca do clube a que dedicadamente preside.

Pelo que fica exposto, na síntese a que somos obrigados, avaliará o leitor como se trabalha no Desportivo de Arroios, o clube pequeno de ontem — o grande clube de amanhã.

ABREU TORRES

Assine a Revista "STADIUM",

derrota que José Cavaco (A.) lhe infligira nessa data.

Nos quartos de final, Pedro Lopes (A.), Júlio Martins (L.) e Cavaco (A.) venceram respectivamente, Francisco Campos (L.), Sousa Neves (A.) e Humberto Cruz (31 de Janeiro), pela pontuação. Nas meias finais, Charles Costa dominou, pelo mesmo processo, Pedro Lopes, enquanto José Cavaco era apurado por impossibilidade de Júlio Martins. O vencedor confirmou, assim, as nossas previsões.

No grupo dos «meios-médios» voltámos a presenciar a vitória de Patrício Alvarez, forçando Artur Dias (L.) a abandonar ao 3.º assalto. Alvarez (L.) na meia final havia batido por pontos, com certa dificuldade, Vitor Soares (M.) enquanto Artur Dias (L.) ganhava a António Matos (M.) por abandono. Alvarez não mostrou ter melhorado, nem a forma nem a técnica, desde o torneio precedente — mas era o favorito da prova.

A categoria dos «médios» não teve a participação de Manuel Ferreira (Lisgás), mas de Romeu Correia, do mesmo clube, que foi o mais equilibrado de todos os encontros e o mais completo. António Moreno (M.) succumbia ao 1.º assalto e na final Artur Bastos foi batido antes do «timbre derradeiro da primeira volta. Bastos ganhara a Edgar Godinho (A.) por inferioridade no 3.º round, durante a outra meia final da competição.

Nos «meios-pesados» houve só dois pugilistas: Manuel Ferreira (L.) que venceu, no «Torneio de Preparação», os «médios», e Liciano Serra, do Gimnásio. O combate entre os dois acabou aos primeiros golpes, com a vitória de Serra.

As arbitragens estiveram a cargo dos profissionais Pressler, Araújo, Falcão e Machado Júnior, satisfazendo o seu trabalho, de modo geral. A registar, ainda, mas desta vez como pouco satisfatório, o recinto dos combates. Pelas suas dimensões, estado e montagem não convém de nenhum modo usá-lo nas condições em que se fez. E, para finalizar, felicitemos o Lisgás pela sua representação e a entidade organizadora pelo sucesso da sua empresa.

INTERINO

DE LUTO

João Lopes Possolo

Faleceu no último domingo uma das mais curiosas figuras dos grandes tempos do Gimnásio Clube Português, João Possolo.

Foi na sua mocidade um notável ginasta, delirantemente aplaudido nos célebres sarauzões do Real Gimnásio pelas suas brilhantes exibições em triple-barra, vãos e duplos saltos mortais, em que era exímio. Mais tarde, depois de ter sido ajudante de Luiz da Costa Monteiro, exerceu as funções de professor de educação física, sendo justamente admirado e querido pelos seus discípulos.

Stadium sente o desaparecimento de tão simpática como brilhante figura e apresenta à família enlutada as suas condolências

Augusto Faria de Barros

Na passada semana registámos também o falecimento do engenheiro-maquinhista naval sr. Augusto Faria de Barros, pai do nosso querido amigo Nelson de Barros, conhecido humorista e escritor teatral. A família enlutada, e especialmente a Nelson de Barros, apresentamos a expressão do nosso sentido pesar.

Ano III — Lisboa, 28 de Dezembro de 1944 — II Série — N.º 106

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS,

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



NO JOGO

BENFICA-OLHANENSE

Martins sai para segurar de perto o remate de Paulo. Cerqueira e João Silva correm para proteger o seu guarda-rédes



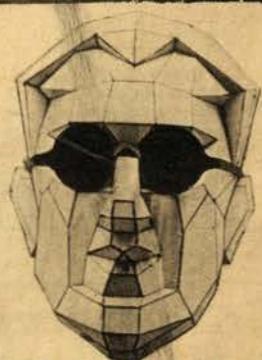
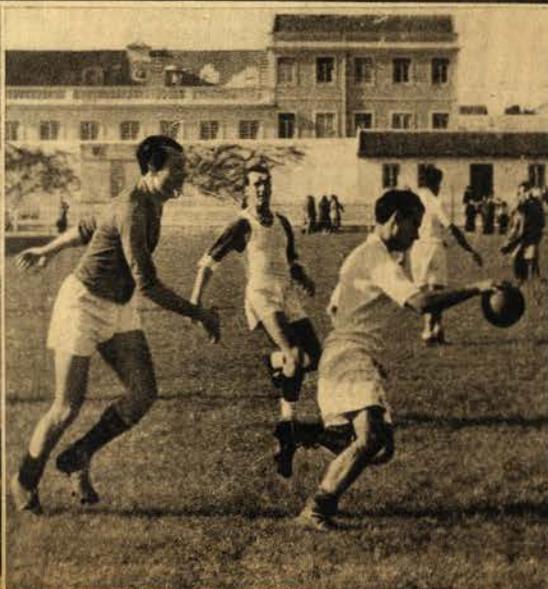
No repetição do **SPORTING-ATLETICO**
Os irmãos Lopes lutam para cortar uma avançada dos cifeiros

JOGOS DO PORTO E DE GUIMARAES

Até o momento em que fechamos a paginação da nossa revista (terça-feira à tarde) não recebemos as reportagens fotográficas destes jogos, que os nossos colaboradores expediram pelo correio no domingo à noite!

HANDBALL No último treino da selecção para o Lisboa-Madrid

À esquerda: Acácio Ross, seleccionador dr. Salazar Carreira, da D. G. Desportos, e Fernando Ferreira, que cuidou da preparação física da equipa, trocam impressões. À direita: uma fase do treino.



POUPE A SUA VISTA!

Use só lentes de 1.ª qualidade

Binóculos. Barómetros. Bússulas de marcha, etc.

Casa especializada — Fundada em 18

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua da Prata, 1